

Preparativos para uma Pandemia" - Resumo por Amanda Rossi

Preparativos para uma Pandemia

Um dia, uma cepa extremamente contagiosa e letal de influenza vai se espalhar pela humanidade, ceifando milhões de vidas. Ela pode chegar dentro de meses ou não aparecer por anos — mas a próxima pandemia é inevitável. Estamos prontos?

Publicado em novembro de 2005

RESUMO EM PORTUGUÊS:

A resposta lenta, mal coordenada e abaixo do necessário para enfrentar as consequências do Furacão Katrina, em New Orleans, Estados Unidos [em agosto de 2005] gerou preocupações sobre como os países podem lidar com um tipo de desastre natural muito maior e mais letal, que, segundo os cientistas, pode ocorrer em breve: uma pandemia de influenza. Os paralelos entre o Katrina e uma pandemia são apropriados. A sazonalidade dos surtos de gripe e das temporadas de furacões criaram uma familiaridade com esses fenômenos que, por sua vez, pode gerar uma complacência com o problema.

O ponto mais importante para se levar em conta sobre uma pandemia de influenza é que a doença não é parecida com a gripe que conhecemos. Por definição, uma pandemia de influenza ocorre quando o vírus se transforma em uma versão perigosa e desconhecida para o nosso sistema imunológico e, além disso, tem capacidade de passar de pessoa a pessoa por espirros, tosses, toques.

Pandemias de gripe surgem de forma imprevisível aproximadamente a cada geração. As três últimas foram em 1918, 1957 e 1968 [nota do instrutor assistente: o texto foi escrito antes da pandemia de H1N1 de 2009]. Elas começam quando uma das muitas cepas de influenza que circulam entre aves evoluem para uma forma capaz de infectar seres humanos. Em seguida, essa cepa sofre uma nova adaptação ou mesmo se combina com a cepa da gripe que é nativa de seres humanos, produzindo um novo patógeno altamente contagioso entre seres humanos.

Epidemiologistas alertam que a próxima pandemia pode adoecer 1 de cada 3 pessoas no mundo, hospitalizar muitos dos doentes e matar dezenas a centenas de milhões de pessoas. A doença não pouparia nenhum país, raça/cor ou grupo social.

Conforme um senso de urgência aumenta, governos e especialistas em saúde trabalham para reforçar 4 linhas de defesa contra uma pandemia: vigilância e monitoramento, vacinas, medidas de contenção e tratamentos médicos.

Vigilância: O que é a influenza está tramando neste momento?

Nossa primeira forma de defesa contra uma nova gripe é a habilidade de identificá-la cedo. Três agências internacionais coordenam o esforço global de rastrear cepas de influenza: a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) e a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO).

Ser rápido é fundamental para lidar com um vírus respiratório que se propaga tão rapidamente como a influenza. As autoridades provavelmente não têm chances realistas de combater uma pandemia caso ela não seja contida dentro de 30 dias. O relógio começa a correr quando a primeira vítima de uma cepa capaz de gerar uma pandemia entra em fase contagiosa — ou seja, quando o primeiro infectado pode transmitir a doença para outras pessoas, iniciando a propagação.

A única forma de conter uma pandemia a tempo é monitorar constantemente a propagação de todos os surtos [propagação da doença em uma região mais restrita, por exemplo, uma cidade] e monitorar a evolução dos vírus. Os vírus podem evoluir de duas formas: por meio de mutação aleatória ou pela troca de genes entre dois tipos de cepas dentro de um mesmo indivíduo, animal ou pessoa.

A próxima pandemia pode surgir em qualquer lugar, inclusive nos Estados Unidos. Mas especialistas acreditam ser mais provável que surja na Ásia, como a maior parte das cepas de influenza que geram epidemias anuais. Aves aquáticas são hospedeiras naturais da influenza — e, na Ásia, muitos povoados ficam lado a lado a habitats desses animais.

Vacinas: Quem vai poder tomar — e daqui a quanto tempo?

Se uma pandemia de influenza ocorrer em breve, pode demorar muito para surgir uma vacina e a disponibilidade de doses pode ser baixa.

O processo de produção da vacina da gripe leva seis meses. Primeiro, o vírus é dissecado quimicamente e dele são extraídos antígenos, proteínas chave que estimulam o sistema imunológico humano a fabricar os anticorpos necessários para combater a doença. Além disso, o vírus é modificado para criar uma espécie de semente do vírus. Essas sementes do vírus são injetadas em ovos de galinha fertilizados. Dentro dos ovos, o patógeno se replica descontroladamente.

Um segundo gargalo é a dificuldade de produzir todas as doses de vacina que seriam necessárias. A produção anual de vacina da gripe é de cerca de 300 milhões de doses.

Em uma pandemia, cada pessoa precisará tomar duas doses: uma primeira e um reforço depois de quatro semanas. Isso ocorre porque as pessoas não terão tido contato anterior com aquela cepa de influenza.

Além disso, as pandemias geralmente coincidem com a temporada de gripe sazonal. Mas as fábricas só podem produzir vacina contra uma cepa de vírus por vez. O porta-voz da Sanofi concorda que “nós podemos enfrentar uma escolha de Sofia: parar de produzir as vacinas anuais para começar a produzir uma vacina contra a pandemia”.

Os atrasos e a escassez na produção de vacinas contra uma pandemia são inevitáveis. Por isso, uma das missões mais importantes dos planos nacionais para enfrentar a pandemia será decidir quais são os grupos prioritários, que serão vacinados antes, e como o governo vai garantir o racionamento de vacinas de modo que todos nesses grupos sejam vacinados. Em julho [de 2005], o comitê de aconselhamento sobre vacina dos Estados Unidos recomendou que as primeiras doses sejam dadas em líderes de governo, profissionais de saúde, trabalhadores de fábricas de vacinas e medicamentos, mulheres grávidas, pessoas idosas e doentes que já fazem parte dos grupos de prioridade das vacinas anuais contra a gripe. São cerca de 46 milhões de pessoas apenas nos Estados Unidos.

Resposta rápida: Uma pandemia pode ser interrompida?

A principal forma de defesa para muitos países será a chamada intervenção não-farmacêutica. A eficiência desse tipo de medida nunca foi amplamente pesquisada. Mas, em março de 2004, a OMS reuniu especialistas em gripe para determinar quais ações são amparadas por evidências médicas. Fazer uma triagem de passageiros em busca de sintomas de gripe “não tem benefício de saúde comprovado”. Fazer medições de temperatura em massa também não ajudariam a interromper o avanço da doença.

O que os especialistas recomendaram foi o uso de máscaras cirúrgicas por pessoas com sintomas de gripe e por aqueles profissionais de saúde que estejam cuidando delas. Já para as pessoas saudáveis, a recomendação é lavar as mãos.

A proibição de aglomerações e a interrupção de meios de transporte de massa podem ser necessários. Se as crianças forem suscetíveis a pegar ou transmitir o vírus, o fechamento de escolas deve ser considerado pelos governantes.

Tratamento: O que pode ser feito para os doentes?

Os especialistas acreditam que 50% da população mundial pode ser infectada por um novo vírus pandêmico. Dependendo da gravidade da doença, entre um terço e dois terços dos infectados podem ficar doentes — o que representa entre 15% e 35% da população em geral. Por isso, muitos governos estão tentando se preparar para um cenário em que 25% da população [um em cada 4 pessoas] fique doente em uma próxima pandemia.

O Trust for America's Health (TFAH) estima que, se 25% da população ficar doente, então 4,7 milhões de americanos terão quadros mais graves e precisarão ser hospitalizados. Mas a capacidade hospitalar é de um milhão de leitos.

Já em relação a novos medicamentos, é preciso que passem por testes clínicos antes de serem incorporados no combate a uma pandemia.

Nunca antes o mundo foi tão capaz de se antecipar e se preparar para combater uma nova pandemia. Mesmo que o temido H5N1 nunca seja capaz de se espalhar facilmente entre as pessoas, algum outro vírus da gripe vai conseguir. Quanto mais fortes forem as nossas defesas, melhor enfrentaremos a tempestade quando ela ocorrer. Segundo Julie L. Gerberding, diretor do CDC americano, "temos apenas um inimigo: a complacência".